

FINIS

A Guerra Da Conquista

Escrito por Ângelo Almeida

Toda a glória à JESUS CRISTO, Salvador e Senhor!

Episódio II

A Emboscada

As manhãs na Floresta Verde são sempre assim, na maioria das vezes. Um suave vento vindo do norte balançava as folhas ainda resistentes das noteiras fazendo um farfalhar distante. Pequenos raios de sol inauguravam mais um dia, o dia. Lupus e Botim estavam numa missão, a primeira. Quem poderia imaginar tal coisa, iemanitas lutando. A luta travada por eles era ainda maior que a dos guerreiros que sempre se ouviu falar, que corriam em busca das mais valorosas vitórias, a fim de mostrar sua grande força e poder. A luta destes dois irmãos era pela própria sobrevivência, a deles e a de toda uma vila.

Em Iemanir, o Conselho aguardava a volta deles. Se eles voltassem. Todos,

principalmente Balnibus e Olbiro sabiam dos perigos que a floresta vizinha reservava. Ambos queriam que não precisasse ser assim. Seria tão mais fácil se as coisas tivessem acontecido de outra maneira. Mas... não aconteceram.

Olbiro, o Conselheiro, normalmente era um fino-homem seguro de si, de suas dificuldades, de suas fragilidades, era alguém que inspirava confiança. Mas não uma fortaleza. Que ninguém esperasse isso dele, nem ele próprio. Seu rosto jovial agora denunciava sua preocupação, e não era para menos. Muitas, muitas mesmo, eram as perguntas que povoavam a mente do gordo fino sentado na porta de sua casa, olhar distante, perdido num horizonte que não podia ser encontrado. Poucas eram as respostas. Para todos.

Como será que eles estão indo? Eles sobreviverão para contar a história? Quando chegarem, haverá para quem contar? Eles serão fortes o suficiente para suportar os mais diversos perigos em nome de um povo? Valeria a pena? Até quando? Ou quanto?

Apoiando-se em seus punhos, ele baixou a cabeça. Queria estar lá, mesmo sabendo que não seria possível. Parecia que todo o mundo tinha perdido um pouco o valor, naquele momento havia coisas muito sérias com que se preocupar. No fundo, ele ainda confiava em Lupus. Lembrou-se por um momento de tudo o que acontecera, da reunião no Salão do Governo, da confusão de Lupus, do descontrole de Motem. “Ainda há muito para aprender, ainda há um rumo para mudar”, concluiu. E, alguém teria que fazer isso.

A névoa da noite se dissipou aos primeiros raios do sol. A essa altura, a Floresta Verde parecia bem menos obscura e misteriosa. Para quem vê ao longe, a floresta que sobe a montanha mais parece um tapete verde, denso, fechado, intransponível até. Ainda hoje há rumores que afastam os moradores da região da montanha. O que há lá exatamente poucos sabem e, para a grande maioria, não valeria a pena saber. Que pena para eles. Uma das folhas da grande noteira se desprendeu com o chacoalhar da brisa suave que ressoava no horizonte, e lentamente foi caindo, caindo, com suas voltas e reviravoltas no ar como a noiva na esperada dança com o pai no dia do casamento. E caía, e bailava, rodopiando antes de atingir o chão.

Botim, da mesma forma com que adormecera na noite anterior lá estava, protegido pelas grandes raízes que saltavam da terra, embaixo da frondosa árvore. Não se mexeu, nem se incomodou. Sua noite de sono foi como a de um príncipe, a pesar das condições pouco favoráveis. Pode ser difícil

dizer isso, mas aquela situação lhe era acolhedora, e a noteira o protegia do vento e o aquecia, como o reconfortador abraço de sua mãe-coruja.

Ao lado repousava a carroça, que também estava onde havia sido deixada, como que a esperar pelo que viria a acontecer. Ela trazia os suprimentos básicos, e serviria para levar para a Vila o que eles conseguissem no depósito escondido. Feita de boa madeira, era resistente, e bem trabalhada com finos entalhes nas tábuas laterais, representando as flores do campo, numa arte que só os iemanitas poderiam fazer.

Alheio aos acontecimentos da noite anterior, Lupus agora acordava, receoso, quieto, confuso. Poucos saberiam explicar o que se passava por aquela mente inquieta, talvez, nem seu próprio dono. Foi apenas um sonho? O que teria sido aquilo? Um aviso? Uma profecia? Ou apenas fruto de uma imaginação fértil num momento de desespero? A verdade é que ninguém poderia explicar o que ocorrera, só restaria esperar para ter certeza do que quer que fosse.

Assim, começou o segundo dia da missão. Os dois irmãos caminharam por um longo caminho, seguindo rigorosamente as instruções do Livro do Rei, transcritas num mapa desenhado por Olbiro, o Conselheiro.

Já era de tarde quando os jovens finos começaram, enfim, subir a montanha. No começo, a densa floresta foi sendo deixada para trás e, a medida que eles subiam, o cenário se transformava, abrigando cada vez menos árvores, dando espaço à grandes pedras no meio do caminho. “No meio do caminho havia uma pedra”... Lupus lembrou-se do famoso verso de um velho poeta. E estava lá, no mapa de Olbiro, a pedra que eles procuravam no meio de seu caminho.

-- Chegamos à Pedra Pontaguda. Estamos cada vez mais perto da fronteira de Matarcar.

-- Ninguém sabe exatamente o que tem do outro lado da Montanha.

-- Prefiro continuar não sabendo por hoje. Você acha que o tal depósito está muito longe?

-- Se o mapa estiver certo, e não tiver imprevistos, chegamos em dois dias, acho.

Uma brisa do oeste anunciava o fim de mais um dia. Por sorte, desviaram das armadilhas que haviam sido preparadas por seus ancestrais. Naquela noite, Lupus teve dificuldade para dormir, sempre se lembrando do que tinha acontecido na noite passada. Mas o cansaço pode vencer até o mais valoroso guerreiro, quando finalmente, aquele dia terminou para Lupus.

Toc. Toc. Toc.

-- Senhor Governador, senhor Governador!

-- Iolai, chegaram notícias dos nosso guerreiros nas montanhas?

-- Creio que não, Governador Balnibus. Mas não sei se as notícias que trago são boas ou ruins.

-- Iolai, meu bom homem, diga logo... Seu rosto está enigmático...

-- Camponeses avistaram soldados. Soldados do Império estão à caminho de Iemanir!

-- Isto não é nada bom. Mandê reunir o Conselho!

No Salão da Guerra, os generais de Sáditas mais uma vez estavam à espera costumeira por seu líder. À risca, o ritual foi seguido, sem considerações ou comentários por parte dos militares. Iniciada a reunião, o clima pesava.

-- Senhores, já fazem três dias que nos reunimos para constatar o que os senhores deveriam ter-me avisado, mas eu já sabia. Akigans foram avistados em meu território, e isto que eu não permitirei. Quero saber o que de fato suas tropas tem feito para que isto não se repita.

Invariavelmente, o Imperador estava terrivelmente irritado naquele dia. Os generais, um a um, entre olharam-se. Todos sabiam perfeitamente do plano. E o plano estava sendo cumprido. À risca. Kótires atreveu-se ante o silêncio de seus companheiros:

-- Sáditas Akigan, poderoso Imperador, permita-me relatar os acontecimentos destes últimos dias, mas tenha a certeza de que o fato de que nada lhe foi comunicado anteriormente à esta reunião, se deve ao cumprimento do plano elaborado, Majestade. O jogo está posto, que os jogadores joguem!

-- Assim sendo, quero que Gervalfim, o Temido, acompanhe de perto a situação. Eu, na autoridade de Imperador Regente de Matarcar, o nomeio General Em Trânsito, para visitar todos os governadores, mesmo das menores vilas, para garantir sua fidelidade.

-- Se assim o quer Majestade, será um prazer servi-lo.

O quinto dia da viagem dos jovens Finos já estava terminando, quando eles finalmente chegaram à entrada de uma caverna, próximo ao topo da Montanha Adormecida. Fazia muito frio. Eles resolveram entrar, não havia tempo a perder. Tudo pareceu muito fácil, e as tão faladas armadilhas pareciam ser apenas lendas de um passado distante. A única aparente proteção da

caverna era sua localização, o topo da montanha era de difícil acesso, e uma grande pedra escondia a entrada dos olhos curiosos que estivessem chegando. No mais, inofensivo. Botim, entrou primeiro. Estava confiante de que tudo isto estava chagando ao final. Pena que o fim ainda estaria distante. Logo atrás, Lupus andava pensativo, nada de estranho ocorreu nas noites que se passaram, e isto era realmente estranho. Parece fácil demais. Algo deve estar errado.

A gruta era escura e úmida. Poucas eram as esperanças de os grãos estarem realmente conservados numa situação como aquela. Mas, eles já estavam ali, e agora teriam que ir até final disto tudo. Sem a claridade do dia como referência, os dois irmãos andaram caverna adentro até que não agüentaram mais e pararam. “Descanso” seus corpos gritavam. Talvez lá fora já fosse madrugada, não tinha como saber ao certo. A carroça já tinha sido deixada para trás, pouco depois da entrada da gruta, já não era possível carregá-la e, dentro da caverna ficaria escondida não denunciando a presença deles ali.

A pesar da umidade daquele lugar, com dificuldade as tochas permaneciam acesas, tornando a cena um pouco menos assustadora. Eles se sentaram perto de umas pedras, comeram alguma coisa, e conversaram até pegar no sono.

Botim acordou assustando. Lupus ainda dormia, sem se dar conta do que estava acontecendo. Eles estavam cercados por criaturas que eles nunca tinham visto. Os seres altos, imponentes, carregavam pesadas espadas o que demonstrava que eram poderosos guerreiros. Sérios, mantinham-se em silêncio, talvez esperando que sua presa se desse conta de que estavam emboscados. Não haveria por onde fugir. Nem Lupus nem Botim eram guerreiros. Presa fácil contra caçadores experientes.

Lupus se levantou com um salto, acompanhado por um rápido movimento de espada desferido pelo homem que estava mais perto dele, sinalizando que era pra que ele ficasse onde estava.

-- O que é isso? -- perguntou Lupus assustado, mas o irmão ficou imóvel tomado pelo pânico, sem poder pronunciar uma resposta.

-- Quem são vocês e o que fazem nesta caverna?

-- Lupus de Balno. Este é meu irmão Botim de Balno. Somos de Iemanir.

-- Você ainda não respondeu o que fazem aqui.

-- Creio não ser possível.

-- *Minha espada o ajudaria a encontrar as melhores palavras?*

-- *Se me matar, ficará sem saber o que estamos fazendo aqui e estará perdendo seu tempo.*

E vocês, quem são e o que fazem aqui?

-- *Deixe que eu faço as perguntas. Limite-se em respondê-las e evite testar minha paciência.*

-- *Já dei as respostas que tenho.*

-- *Amarrem-nos e levem-nos ao Arc para que ele decida o que fazer com os pirralhos.*

Talvez, para Lupus e Botim a missão teria chegado ao fim. Talvez? Com certeza, provavelmente. Muitas coisas passavam pela cabeça dos dois jovens enquanto eram conduzidos por túneis cavados na rocha, em direção ao coração da montanha. Se existia uma possibilidade de êxito por parte deles, agora esta possibilidade ficava cada vez mais distante, tanto quanto eles se afastavam do caminho pelo qual deveriam seguir até chegar ao depósito de grãos. Durante o trajeto que fizeram, os misteriosos guerreiros que os acompanhavam permaneceram calados. Sérios. Muralhas de carne em movimento na penumbra.

Sempre junto, o grupo caminhou. Caminhou calmamente não se sabe por quanto tempo. Botim teve a impressão de que eles estavam andando em círculos pelos túneis. O silêncio aumentava a angústia.

Depois de algum tempo, eles viraram e entraram em um túnel que parecia sem saída. Não era possível ver o que tinha no final, a luz das tochas não alcançava o que tinha à frente. Foi quando as tochas foram apagadas e por alguns minutos eles andaram na completa escuridão, quando de repente pode se ver uma luz ao longe. Eles andaram na direção dela. Amarrados, Lupus e Botim apenas os acompanhavam. A luz foi cada vez se tornando mais forte, à medida que eles caminhavam. Quando chegaram, os jovens finos não tinham palavras para descrever a beleza do salão em que se encontravam, cravado no coração da Montanha Adormecida.

Um antiga lenda conta que povos habitavam o interior da montanha. Povos além-Matacar. A verdade é que ninguém sabia o que existia exatamente depois da fronteira. Quem ousou tentar descobrir, não voltou para contar como é. Mas, o que os mais velhos contavam sobre esses povos parecia ser tão distante, que era impossível acreditar que aquelas lendas poderiam ter sido reais. A situação que eles viviam agora mostrava que era muito mais real do que eles, ou mesmo as pessoas que contavam essas histórias antigas poderiam imaginar.

O salão era bem iluminado com tochas, e pequenas aberturas no teto poderiam ser dutos para circulação do ar. Havia ali outros guerreiros parecidos com os que tinham escoltado os iemanitas até ali. Muitos outros. Eles estavam reunidos em pequenos grupos, que conversavam como se contassem velhas histórias, de glórias e conquistas. Muitos riam como se estivessem festejando. No centro, paralelamente à entrada, estava um homem um pouco diferente dos outros, mais sério, olhando fixamente para Lupus e Botim, como se aguardasse a sua chegada. Quando os que estavam ali reunidos perceberam que tinham visitantes, imediatamente todos se calaram, deixando um incômodo silêncio que seria quebrado pelo homem que ia à frente do grupo que trazia os prisioneiros. Ele disse algumas palavras num língua que não dava para entender ao homem que os aguardava, e este acenou com a cabeça em concordância.

-- Lupus e Botim de Balno... -- disse o homem num tom suave e enigmático. -- O que os jovens iemanitas fazem tão distantes de suas terras? Por um acaso os campos já começaram a não mais produzir como antigamente, e o Conselho os mandou para encontrar Lamerion?

-- Desculpe-me senhor... senhor...

-- Me chame de Arc.

-- Desculpe-me Arc, mas como o senhor sabe destas coisas? E o que é Lamerion?

-- Creio que vocês não representam perigo, não contaram o que não precisava ser dito mesmo sob a ameaça da espada de Redilus. Redilus, pode desamarrá-los. Aliás, como saem numa missão dessas sem nem mesmo saber o que é Lamerion? Certamente já fazem mais conselheiros como antigamente. Tenho saudades de Umobin. Lamerion pode ser conhecido também como O Depósito, e foi construído na época da Intervenção. Havia uma grande tensão em Iemanir naquela época, sobre a possível invasão de Matarcar por pessoas que moram além da fronteira. Normalmente eles não colocam medo em Saditas Akigan, a não ser uma pessoa em especial.

-- Saditas, o Imperador, pode ter medo de alguém?

-- Governar não é uma tarefa fácil. Mas chegar ao poder também não é. Mas qualquer governo, em Matarcar ou fora de lá, é regido por um conjunto de regras conhecido como A Lei, que foi escrito por Dominus. Há muito tempo atrás Dominus fundou o Império e o entregou para ser governado por Adamaco, o Primeiro. Mas Saditas é esperto, e um profundo conhecedor da Lei. E, sem muito esforço, tomou o governo das mãos de Adamaco sem nem precisar fazer uma guerra. Saditas é de uma classe especial de guerreiros, os Akigans, mas acima deles estão os Divins, os únicos que tem o poder para criar e destruir. Só existem três divins: Dominus, o Criador; Uentus, A Força e Finus, o

Herdeiro. De acordo com A Lei, o Império pertence à Dominus, que o criou. Saditas teme que Dominus dê Matar a Finus, o único filho de Dominus, como herança, e que este venha a reclamar o trono. Sendo um Divin, e agindo de acordo com A Lei, Finus poderia derrotá-lo.

-- Mas, o que isso tem a ver com Iemanir e a falta de alimentos?

-- Quando O Depósito foi construído, construímos também uma rede de túneis sob a montanha para facilitar o transporte dos grãos. Esse conjunto de túneis foi chamado de Lamerion, e é nosso dever guardá-lo. O Exército não pode saber destes túneis, porque ligam a Montanha Adormecida à Iemanir, e a descoberta deles colocaria toda a vila em perigo. Tudo estava indo muito bem, mas a falta de alimentos em Iemanir nos colocou em estado de alerta. Desde que O Depósito foi construído, temos sido responsáveis por abastecê-lo, protegê-lo, e por monitorar a quantidade de suprimentos disponíveis na vila. Nós os ajudaremos a levar o que precisarem pelos túneis até o pé da montanha. De lá você partirão sozinhos rumo à Iemanir. Cuidem de guardar este segredo. Por motivo de segurança, nossa e de vocês, vocês serão vendados quando passarmos pelos caminhos secretos, e estarão sempre escoltados por dois de nossos homens. -- E dirigindo-se aos outros homens que ouviam atentamente – Guerreiros, preparem tudo, estes jovens vão abastecer Iemanir.

No mesmo instante, os grupos se desfizeram e aqueles bravos fino-homens começaram a providenciar para que a ordem de Arc fosse cumprida.

Na tarde do sétimo dia, surge do meio da floresta a carroça dirigida por Botim. Lupus vinha sentado em cima dos grãos. Ao longe era possível ver as tropas do Exército Imperial no lado de fora da vila, rumo à oeste. Será que eles demoraram demais e Motem conseguiu uma Intervenção do Império? Isto não seria bom...

Escrito por Ângelo Almeida

Toda a glória a Deus, que tem me dado inspiração e forças para continuar.

Dê a sua opinião, faça suas críticas ou sugestões, contribua com a história, no site:

<http://www.entaopercebi.blogspot.com>

Este arquivo é distribuído sob a Licença Creative Commons.

Macatuba, SP – Brasil, 21 de Setembro de 2008.